

LÍNGUA PORTUGUESA NO COTIDIANO ESCOLAR: REFLEXÕES ACERCA DAS DESIGUALDADES DE OPORTUNIDADES EDUCACIONAIS EM DIFERENTES CONTEXTOS

Felipe Maquiné Santos Silva ¹
Tania de Assis S. Granja ²
Bruna Alves Santos ³
Francisco Saraiva da Silva Júnior ⁴

RESUMO

Na desafiadora conjuntura atual da educação e na esperançosa perspectiva para o futuro, pensar sobre os meandros vividos durante a pandemia de Covid-19 em todo o mundo e em todos os campos que cerceiam a vida cotidiana — a saúde, a economia, a política, e em especial, a educação — é indispensável. A disseminação do recente vírus da Covid-19 provocou e acentuou uma série de desigualdades, dentre elas, um vírus histórico, tal qual o fracasso escolar (PATTO, 2015), que se manifesta por meio da repetência, da distorção idade-série, do déficit de aprendizagem, etc. Desse modo, este trabalho tem como objetivo investigar as possíveis desigualdades de oportunidades educacionais no âmbito das aprendizagens da Língua Portuguesa, seja por fatores internos ou externos ao ambiente escolar. Para isso, o trabalho tem como base uma pesquisa qualitativa, de abordagem etnográfica, ancorada em André (1995), Magnani (2002), Corsaro (2005), Mattos (2011), Minayo (2004), dentre outros. O aporte teórico deste estudo tem como base Bourdieu (1998), Foucault (1999), Sacristán (2000) e Freitas (2007). Para o desenvolvimento da pesquisa, está sendo realizado um trabalho de campo em duas escolas públicas no município de São Gonçalo, no estado do Rio de Janeiro. Na primeira escola, que é estadual, em 2023, foram acompanhadas turmas de 9.º ano do Ensino Fundamental. Na segunda escola, que é da rede municipal, iniciamos a coleta de dados em 2024. A partir das análises preliminares, as evidências coletadas indicam que, na primeira fase da pesquisa, a sala de aula se configurava como um espaço de controle sobre os alunos, tornando-os dóceis, através da “maquinaria escolar”, de modo que reproduzia mecanismos de exclusão para estes alunos, que se encontravam em situação de vulnerabilidade socioeconômica.

Palavras-chave: Língua Portuguesa, Desigualdades de oportunidades educacionais, Cotidiano escolar, Abordagem etnográfica.

INTRODUÇÃO

¹ Graduando do Curso de Letras Português/Inglês da Faculdade de Formação dos Professores - Universidade do Estado do Rio de Janeiro - FFP/UERJ/PIBIC, felipemaquine38@gmail.com;

² Doutora em Educação, Professora Adjunta da Faculdade de Formação de Professores - Universidade do Estado do Rio de Janeiro - FFP/UERJ, tasgranja@gmail.com;

³ Graduanda do Curso de Letras Português/Inglês da Faculdade de Formação dos Professores - Universidade do Estado do Rio de Janeiro - FFP/UERJ/PIBIC, brunaalves.t@outlook.com;

⁴ Graduando do Curso de História da Faculdade de Formação dos Professores - Universidade do Estado do Rio de Janeiro - FFP/UERJ/FAPERJ, franciscouerj2020@gmail.com.



Na desafiadora conjuntura atual da educação e na esperançosa perspectiva para o futuro, pensar sobre os meandros vividos durante a pandemia de Covid-19 em todo o mundo e em todos os campos que cercam a vida cotidiana — a saúde, a economia, a política, e em especial, a educação — é indispensável. A disseminação do vírus da Covid-19 provocou e acentuou uma série de desigualdades, dentre elas, um vírus histórico, tal qual o fracasso escolar (PATTO, 2015), que se manifesta por meio da repetência, da distorção idade-série, do déficit de aprendizagem, etc.

Observa-se esse agravamento a partir dos estudos de Branco *et al.* (2020) e Silva *et al.* (2023), que demonstram as dificuldades que estiveram presentes no cotidiano escolar de milhares de alunos brasileiros nos últimos anos. Estas acontecem por motivos socioeconômicos, políticos, e propriamente educacionais. Logo, a pobreza, a fome, o desemprego, a violência, a falta de condições estruturais e metodológicas para o desenvolvimento do processo educativo, foram fatores que acentuaram os casos de abandono e evasão escolar no Brasil.

Com o apoio das pesquisas da UNICEF (2022) e do IBGE (2021), é possível perceber que, embora décadas tenham passado, as desigualdades de oportunidades educacionais se mantiveram, mas agora, tomaram outros contornos, pois se fazem presentes por meio da tecnologia. Assim, a falta dos aparatos tecnológicos necessários, ou a falta de conhecimento ou acesso para o uso das plataformas digitais que estavam sendo usadas para a realização das aulas *online*, dificultou — e em diversos casos, impossibilitou — o cotidiano escolar de milhares de alunos e professores.

Isto posto, de acordo com Bourdieu (1998) e Dubet (2003), a escola, nesses casos, funciona como uma via auxiliar das desigualdades. De acordo com Dubet (2003, p. 34) “[...] a escola não é mais ‘inocente’, nem é mais ‘neutra’; está na sua ‘natureza’ reproduzir as desigualdades sociais produzindo as desigualdades escolares”. Logo, o espaço formativo para a emancipação dos estudantes converte-se em um lugar de eliminação adiada (Freitas, 2007), ao passo em que esta segrega os alunos das camadas mais empobrecidas, num processo que julga como a falta de um dom natural, o que é meramente uma questão de desvantagem (Bourdieu, 1998).

Em virtude do cenário atual da educação, que encontra-se muito fragilizado, de acordo com Nóvoa e Alvim (2021, p. 1), os professores, nesse período de pós-pandemia, têm uma tarefa vital na “construção de um espaço público comum da educação, na criação de novos ambientes escolares e na composição de uma pedagogia do encontro”. Dessa forma, será possível fazer do ambiente educacional um espaço distante das desigualdades sociais e, assim,



pensar que é possível “agir pela construção de uma outra escola, não pelo seu desaparecimento” (Nóvoa; Alvim, 2021, p. 3).

Assim, este estudo visa conhecer e acompanhar o cotidiano escolar de duas escolas públicas situadas no município de São Gonçalo, no Rio de Janeiro. Com isso, objetiva-se investigar as possíveis desigualdades de oportunidades educacionais no âmbito das aprendizagens da Língua Portuguesa nesse atual contexto de pós-pandemia, seja por fatores internos ou externos ao ambiente escolar.

METODOLOGIA

Para isso, o trabalho tem como base uma pesquisa qualitativa, de abordagem etnográfica, ancorada em André (1995), Magnani (2002), Corsaro (2005), Mattos (2011), Minayo (2004), dentre outros. Com a preferência pela abordagem etnográfica, é possível fazer uma leitura do campo “de perto e de dentro” (Magnani, 2002), indicando como uma condição imperiosa o pesquisador estar no campo fazendo parte do universo investigado. Assim, com o uso dos procedimentos iniciais, como a observação participante, que trata-se do convívio contínuo e aproximado com os participantes, o fenômeno do “tornar-se nativo” (Corsaro, 2005) também é oportunizado.

De acordo com Mattos (2011, p. 53), “[...] grafia vem do grego graf(o) significa escrever sobre, escrever sobre um tipo particular - um etn(o) ou uma sociedade em particular”, ou seja, escrever sobre um universo, um contexto, um cotidiano diferente. Historicamente, esta abordagem nasceu como um método da antropologia para estudar povos distintos, assim como suas tradições e ritos cotidianos. Com o passar do tempo, o tipo de pesquisa em questão tomou novos rumos e, comumente, passou a investigar grupos sociais em situações “passíveis de serem desprezadas em outras abordagens de pesquisa por não constituírem um padrão determinado e validável para generalizações para o todo da sociedade” (Mattos, 2011, p. 67), ou seja, em contexto de exclusão.

A finalidade, portanto, de articular esta abordagem qualitativa com os objetivos da pesquisa está na observação da cultura presente num determinado grupo social, que “não é vista como um mero reflexo de forças estruturais da sociedade, mas como um sistema de significados mediadores entre as estruturas sociais e as ações e interações humanas” (Mattos, 2011, p. 50). Assim, busca-se uma leitura minuciosa das vivências cotidianas no universo da sala de aula, suas tradições, crenças, atitudes, inter-relações e seus comportamentos.



Para isso, o pesquisador precisa estar imbuído nos fenômenos que emergem na sala de aula, de tal modo a adaptar sua pesquisa e encontrar os melhores procedimentos para a coleta detalhada das evidências. Alguns procedimentos presentes neste tipo de pesquisa são a observação participante, a “[...] descrição densa e minuciosa dos dados coletados, o processo indutivo de análise, a questão da ética na pesquisa” (Mattos, 2011, p. 49), o caderno de campo, as entrevistas semiestruturadas (Duarte, 2002), a pesquisa documental, fotografias, a revisão da literatura, etc.

Para o desenvolvimento deste estudo, está sendo realizada uma pesquisa de campo em duas escolas públicas no município de São Gonçalo, no estado do Rio de Janeiro. A primeira fase da pesquisa foi realizada em 2023, numa escola estadual, na qual foram acompanhadas duas turmas de 9.º ano do Ensino Fundamental. A segunda fase da pesquisa está sendo realizada em 2024, numa escola municipal, com o acompanhamento de uma turma de 9.º ano do Ensino Fundamental. Nas duas fases, os participantes da pesquisa são os alunos e as professoras da disciplina de Língua Portuguesa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

São Gonçalo, Rio de Janeiro (2023): encontros e desencontros

A pesquisa de campo no ano de 2023 iniciou com a busca por uma parceria com a professora de Língua Portuguesa, que atuava em duas turmas do 9.º ano — 903 e 904. Com uma negociação bem sucedida, foi possibilitada a nossa participação durante as aulas da professora. Porém, ela deliberou que nossa observação participante só poderia ser realizada em uma turma, quando comentou: “você só poderão entrar para observar a aula da turma 903” (sic). No entanto, num estudo paralelo, realizado pelo grupo de pesquisa em parceria com o professor de História, o contato com a turma 904 já havia acontecido, e a aceitação do grupo de pesquisadores pelos participantes também.

A hipótese levantada pelo grupo foi que, por serem alunos, em sua maioria, agitados, indisciplinados, desinteressados, com níveis acentuados de distorção idade-série, tremendo alguma situação desconfortável ou desrespeitosa, a professora manteve-se numa conduta de resistência ou talvez cautela. Enfim, as observações ocorreram na turma 903 durante as aulas de Língua Portuguesa e na 904 durante as aulas de História.

No conhecimento da turma 903, foi notória a existência de um universo de muitas realidades e grupos distintos. Numa sala de mais ou menos trinta e cinco alunos, os grupos eram

divididos por blocos de diferentes estilos estéticos — de cabelo, roupas, acessórios, etc., gostos musicais, temperamentos, ao passo que, ainda assim, entrecruzam suas vivências durante o dia a dia. Entre fileiras e carteiras, a presença dos grupos mais e menos tímidos, muito e pouco interessados, bagunceiros, vaidosos, distantes da dinâmica de sala de aula, pois passavam a aula escutando músicas de fone de ouvido, eram marcantes. No geral, a turma aparentava ser jovem, e contava com um grupo de alunos de perfis étnico-raciais variados, aspectos que foram ratificados com a pesquisa documental.

Quanto ao seu rendimento, a turma era participativa nas dinâmicas; mostrava ser criativa nas atividades escritas e que demandavam habilidades artísticas. Como trata-se de uma turma num contexto de pós-pandemia, no entanto, as dificuldades quanto à escrita — caligrafia, gramática, etc. — estavam presentes. Mas, mesmo com as dificuldades, a rotina desta turma acontecia de maneira favorável.

Durante o ano letivo, foi realizada uma oficina de produção textual a partir do conteúdo que estava sendo aplicado pela professora naquele período, no caso, gêneros textuais. Assim, a partir do gênero Diário, num trabalho colaborativo (Damiani, 2008) com a professora, planejamos uma atividade utilizando a obra Quarto de despejo: Diário de uma favelada (2020), escrito por Carolina Maria de Jesus, na qual buscamos apresentar todo o contexto da autora, da obra e exploramos a leitura de alguns trechos em sala. Posteriormente, houve uma explicação sobre as particularidades do gênero para a turma. E, como uma fase de conclusão e produção, os alunos foram incentivados a produzir um diário sobre suas experiências e perspectivas para o futuro, o que depois a professora considerou como uma avaliação para as notas do bimestre. O que levou-nos ao primeiro questionamento quanto às observações de campo e as possibilidades estabelecidas: se a participação só era possível na primeira turma, o que a segunda, ou seja, a turma 904 fez durante a oficina de produção textual? Se a oficina serviu como uma forma de avaliar os alunos, como os alunos da turma 904 foram avaliados?

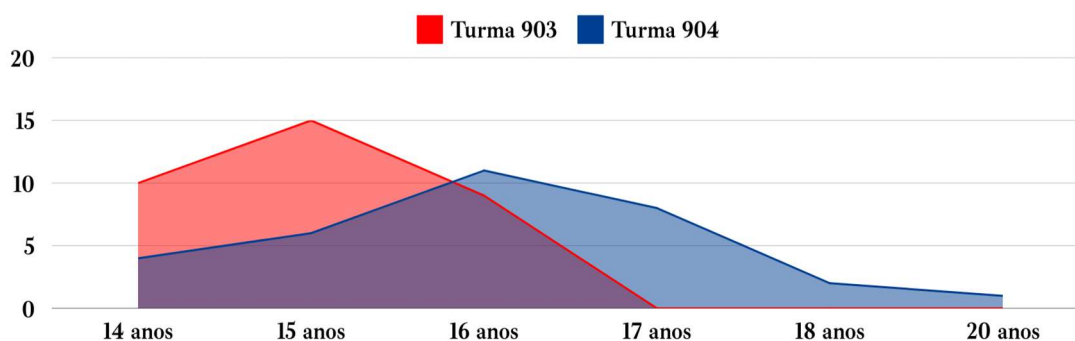
No convívio com a turma 904 durante as aulas de História, foi possível observar que a organização da turma era nitidamente diferente. Primeiro que, em comportamentos, estilos, humores, o grupo era muito mais generalizado, semelhante, harmônico. Harmônico quanto à sua própria cultura de comportamento, não quanto ao sucesso produtivo de aula. Em segundo, a turma reunia diversos alunos repetentes, em situação de distorção idade-série e defasagem educacional, e de contextos socioeconomicamente vulneráveis, dado levantado na pesquisa documental realizada. De modo geral, o cotidiano nesta turma era delicado pois, além destas condições de desigualdades educacionais, os alunos eram agitados, bagunceiros e pouco

interessados. Uma parcela menor demonstrava interesse e não tumultuava com a classe, e isso fazia a rotina escolar caminhar.

Semanas depois da realização da oficina de produção de Diário na turma 903, perguntei a uma aluna o que eles haviam feito na semana em questão, e esta prontamente me mostrou algumas folhas de avaliações acerca do uso dos “porquês”. Esta atividade durou cerca de duas semanas, nas quais os alunos foram avaliados com exercícios e “provas” seguindo essa temática.

Meses depois, no fim do ano letivo, realizamos uma pesquisa documental a partir da ficha escolar dos alunos, na qual verificamos a idade dos alunos, as ocorrências de repetência, onde esses alunos residiam e se eram beneficiários de programas de políticas sociais de distribuição de renda. A partir dos dados coletados, foi possível traçar um panorama de distorção idade-série presente entre as turmas 903 e 904. Observemos:

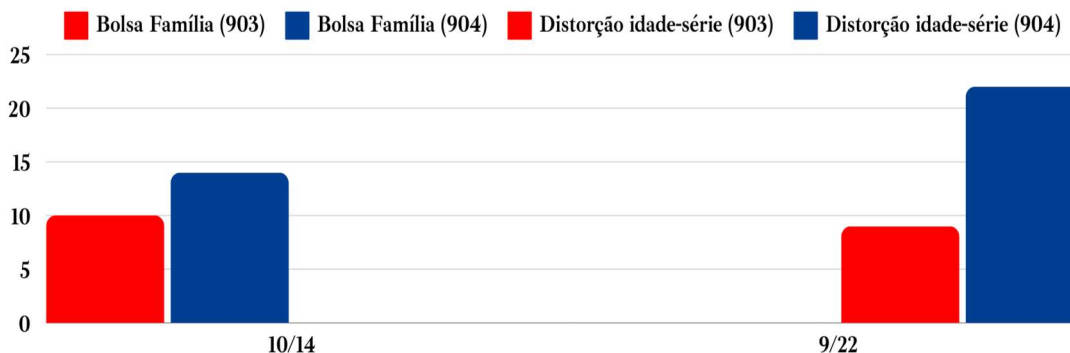
Gráfico 1 - Idade dos alunos das turmas 903 e 904



Fonte: dados coletados na pesquisa de campo - Elaboração: o autor

Este gráfico apresenta um recorte de idade discrepante entre duas turmas. A turma 903 conta com vinte e cinco alunos na idade ideal para a série em que estão (entre 14 e 15 anos), e nove alunos estão com um ano de atraso escolar, na idade dos 16 anos. Na 904, no entanto, os alunos na idade ideal para a série compõem um grupo minoritário na turma, em que contam somente dez alunos entre 14 e 15 anos. Isto posto, a sala apresenta um índice acentuado de alunos em situação de atraso escolar e distorção idade-série, no qual conta com onze alunos com 16 anos, oito alunos com 17 anos, dois alunos com 18 anos e, por fim, um aluno com 20 anos, totalizando os trinta e dois alunos da turma. Vejamos:

Gráfico 2 - Índices dos alunos beneficiários da Política Social



Fonte: dados coletados na pesquisa de campo - Elaboração: o autor

Este gráfico diz respeito aos índices de alunos em situação de vulnerabilidade socioeconômica, sendo estes beneficiários do Programa Bolsa Família. Na pesquisa, foi levantado que na turma 903, 29% da turma estavam categorizados em nível de pobreza e extrema pobreza, enquanto que na turma 904, a porcentagem encontrava-se em 44% dos alunos, num número aproximado à metade da turma. Quanto aos índices de distorção idade-série, como comentado no gráfico anterior, a segunda turma conta com um número esmagador de alunos repetentes, num ritmo em que mais da metade da turma encontra-se em situação de atraso escolar.

São Gonçalo, Rio de Janeiro (2024): a moral deles e a moral delas

Em 2024, a pesquisa de campo iniciou seguindo os mesmos passos de busca por uma parceria com a professora de Produção Textual. Com efeito, foi possível o acompanhamento e a participação nas aulas da disciplina para uma turma de 9.º ano — a única turma da escola. As visitas, durante o segundo bimestre de aula, aconteceram às segundas e terças-feiras, no horário das sete às dez da manhã. Isto se deu pelo fato das paralisações realizadas pelos professores da rede municipal de São Gonçalo, Rio de Janeiro, que estavam em luta na defesa de seus direitos.

Por isso, as aulas durante o primeiro semestre do ano corrente, encontraram-se em horário reduzido, nas quais cada tempo de aula tem cerca vinte e cinco minutos dos cinquenta minutos (hora/aula). Durante as observações, diversas aulas não começavam exatamente às sete



horas, ou dez minutos depois; muitas delas começavam por volta das sete e meia, quando a professora chegava ou o sinal da escola tocava. Esse fator juntamente com o cenário de aulas encurtadas, fazia a dinâmica de aula ser mínima, na qual a professora instruía os alunos sobre alguns deveres, dava algumas broncas sobre os “festivais de faltas” (sic) e a improdutividade dos alunos (sic), e não havia possibilidades de uma troca mais sólida das relações professor-aluno.

Durante o período reduzido, foi possível notar a frequência baixa de alunos em sala, ao passo em que cada aula contava com a presença de dez a quinze alunos. Isso fazia com que a interação dos alunos com eles mesmos fossem mínimas, e assim, a participação dos grupos de alunos durante também. No aspecto dos conteúdos, nas primeiras visitas, os alunos estavam sofrendo com muitas dúvidas sobre o uso de pontuações, de tal modo que pediram para que a professora fizesse uma aula de reforço para eles.

No geral, a turma era pouco participativa, porém, um momento que revelou um debate mais acalorado durante a aula foi quando o tema ‘usos da Internet’ foi levantado. Este fato deixou evidente que, quando o tema lhes interessa, os alunos participam. Diante disso, o grupo, em parceria com a professora, planejou uma oficina de produção textual a partir de uma charge sobre o uso da Internet; seus pontos positivos e negativos. O objetivo era verificar como os alunos estavam articulando suas argumentações e seus níveis de interpretação de texto.

Depois dessa fase de produção e correção dos textos, a professora propôs que, mediante as sugestões de correção, os alunos reescrevessem os textos para fazer um mural expositivo de um projeto da escola. Esse período reescrita e de adaptação dos textos demorou algumas semanas, pois, em virtude dos poucos momentos de aula, a professora tinha que articular esse projeto com as atividades e provas do bimestre.

A finalização desse projeto aconteceu no primeiro dia de aula depois do período de paralisações, ou seja, os alunos tiveram, depois de alguns meses, dois tempos completos da disciplina. Nesse dia, a proposta da aula era organizar o mural do projeto, com os recortes dos textos dos alunos e alguns outros elementos decorativos. Somente no momento das aulas completas que foi possível observar como os alunos se articulavam entre si e como eles se organizavam para as tarefas.

Nesse fenômeno em particular, a dinâmica da sala estava da seguinte maneira: uma aluna e todos os alunos sentados na parte do fundo da sala, e todas as alunas e um garoto sentados nas carteiras da frente. Ao receber as instruções da professora para a organização das carteiras e a montagem do mural, somente os alunos na frente da sala se movimentaram para o ajuste das cadeiras. Todos da outra metade permaneceram sentados e quietos. Como a grande

maioria da frente organizadora da sala eram as alunas, estas prontamente se uniram para impor a “moral” para a montagem coletiva do trabalho, nesse caso, por meio de cobranças aos alunos.

Constantemente, ao ver o desinteresse e não colaboração dos alunos, elas comentavam: “Levanta o rabo de vocês e vai pegar cadeira, eu hein, pega mais cadeira!” (sic), apontando os nomes de cada um e atribuindo as tarefas a eles. Num certo momento, que um aluno se levantou para ajudar totalmente sem vontade e demorando para levar a cadeira para o centro da sala, a aluna puxou a cadeira e disse “Solta! Ô, meu filho, acorda!” (sic).

Enquanto as alunas conduziam a organização da sala, elas mesmas cometiam alguns erros, porém, como elas eram a ‘liderança’ da turma naquele momento, não tinha cobrança, naquele instante, era um momento de descontração, e por isso, elas riam. Após as constantes cobranças da professora, depois de alguns minutos e as severas tentativas de organização, as mesas foram colocadas no meio da sala e o tecido para o mural foi esticado sobre as carteiras. Vejamos:

Foto 1 - Discussão dos alunos sobre a organização do mural



Fonte: dados coletados na pesquisa de campo - Foto: acervo do autor

A professora, mobilizava a todos e pedia aos alunos sugestões de como organizar os textos, as imagens, o título do projeto. Como o retorno era insatisfatório, a própria professora sugeria algumas organizações para o mural. Porém, no momento em que alguém — daquele universo de forma geral — tinha uma iniciativa própria de organização, outro aluno tinha uma iniciativa de defesa dos seus gostos próprios, e rebatia com uma ideia diferente. Para resolver esse pequeno conflito, que seria eterno, e visando terminar o trabalho antes do fim da aula, sugerimos que a colagem dos elementos começasse logo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das análises preliminares, as evidências coletadas indicam que, na primeira fase da pesquisa, na escola estadual, a sala de aula se configurava como um espaço de controle sobre os alunos, tornando-os dóceis, através da “maquinaria escolar”, de modo que reproduzia mecanismos de exclusão para estes alunos, que se encontravam em situação de vulnerabilidade socioeconômica. Foucault (1999, p. 135) evidencia esse fenômeno quando afirma que essas atividades disciplinares sobre o aluno não visam “unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil”, num ritmo que esse rigor disciplinar “o esquadrinha, o desarticula e o recompõe” (Foucault, 1999).

Na segunda fase da pesquisa, na escola municipal, que ainda encontra-se em fase inicial, foi possível perceber a pouca frequência de alunos em sala de aula, ao passo em que estes, em sua maioria, apresentam desinteresse quanto aos conteúdos que são apresentados em sala de aula. Ainda assim, há uma diferença entre os comportamentos dos alunos e das alunas, em que estas apresentam liderança, um pouco mais de comprometimento e organização em sala de aula.

Seguindo o argumento de Nóvoa e Alvim (2021, p. 10) de que “A educação funda-se sempre em dois gestos: adquirir uma herança e projetar um futuro”, é necessário observar o espaço escolar como um ambiente emancipador, que desenvolve o aluno em seus aspectos sociais, intelectuais, políticos, dentre outros elementos que constroem o direito à cidadania. Ao reconhecer o panorama educacional delicado no Brasil, buscando alternativas para que num futuro breve essas desigualdades sejam minimizadas, é preciso fortalecer a perspectiva de que o trabalho docente, em suas múltiplas camadas, poderá contribuir com “[...] o currículo como programa que proporciona conteúdos e valores para que os alunos melhorem a sociedade em relação à sua reconstrução social (Sacristán, 2000, p. 14). Assim, nossa caminhada rumo a uma educação de qualidade será viabilizada e, quem sabe, encurtada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papirus, 1995.

BRANCO, E. P.; ADRIANO, G.; BRANCO, A. B. G.; IWASSE, L. F. A. Evasão escolar: desafios para permanência dos estudantes na educação básica. **Revista Contemporânea de**

Educação, v. 15, n. 3, p. 133-155, mai/ago. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rce/article/view/34781/pdf>. Acesso em: 22 set. 2022.

BOURDIEU, Pierre. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. *In: Escritos da Educação*, Petrópolis: Vozes, 1998, p. 41-64. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4900368/mod_resource/content/0/Texto%20%20-%20BOURDIEU%20%281998%29%20-%20A%20escola%20conservadora.pdf. Acesso em: 08 ago. 2022.

CORSARO, W. A. Entrada no campo, aceitação e natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 26, n. 91, p. 443-464, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/HkDSKzZZJKdsSFtqBHmZxbF/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 22 out. 2023.

DAMIANI, M. F. Entendendo o trabalho colaborativo em educação e revelando seus benefícios. **Educação em Revista**. Curitiba, v.24, n.31, p.213-230, 2008. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/12795/8687>. Acesso em: 12 mar. 2024.

DUARTE, Rosália. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 115, v. 1, p. 139-154, mar. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/PmPzwqMxQsvQwH5bkrhrDKm/?lang=pt>. Acesso em: 31 jul. 2024.

DUBET, François. A escola e a exclusão. **Cadernos de Pesquisa**, n. 119, p. 29-45, julho/ 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/JBTWwBmFCfZBxm9QKbxSN9C/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 31 jul. 2024.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 133-166.

FREITAS, L. C. Eliminação adiada: o ocaso das classes populares no interior da escola e a ocultação da (má) qualidade do ensino. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 965-987, out. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/h8RgCZ6JvYpJNLr8MXxvNMf/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 28 maio 2022.

FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA NO BRASIL — UNICEF. **Educação brasileira em 2022 – a voz de adolescentes**. UNICEF, Brasília, Setembro, 2022. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/relatorios/educacao-brasileira-em-2022-a-voz-de-adolescentes>. Acesso em: 03 nov. 2022.

IBGE. **Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira: 2021**. Rio de Janeiro: IBGE, 2021. Disponível em: <https://static.poder360.com.br/2021/12/Sintese-de-Indicadores-Sociais-Uma-analise-das-condicoes-de-vida-da-populacao-brasileira-2021.pdf>. Acesso em: 14 jan. 2023.



JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 1. ed. São Paulo: Ática, 2020. 264p.

MAGNANI, J. G. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 11-29, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/KKxt4zRfvVWbkbgfQD7ytJ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 out. 2023.

MATTOS, C. L. G. de. A abordagem etnográfica na investigação científica. In: MATTOS, C. L. G. de; CASTRO, P. A. de. (Org.). **Etnografia e Educação**: conceitos e usos. Campina Grande: EDUEPB, 2011, p. 49-83. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/8fcfr/pdf/mattos-9788578791902-03.pdf>. Acesso em: 26 mar. 2023.

MINAYO, M. C. S. (org). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 23. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2004.

NÓVOA, A.; ALVIM, YC. Os professores depois da pandemia. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 42, p.1-16, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/mvX3xShv5C7dsMtLKTS75PB/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 14 jan. 2022.

PATTO, Maria Helena Souza. **A produção do fracasso escolar**: histórias de submissão e rebeldia. 4º edição, revista e ampliada. São Paulo: Intermeios, 2015.

SACRISTÁN, José G. **O Currículo**: uma reflexão sobre a prática. Tradução: Ernani F. da F. Rosa. 3. ed. Porto Alegre: ArtMed, 2000. Cap. 1.

SILVA, F. M. S; GRANJA, Tania de Assis S.; SANTOS, B. A; SILVA JÚNIOR, F. S. Educação básica e ensino remoto - os caminhos tortuosos da pandemia e da pós pandemia: alguns apontamentos. **XIV Encontro Estadual da ANFOPE-RJ**, [livro eletrônico]: formação e trabalho: desafios da profissão docente. 1. ed. mar/2023. Rio de Janeiro: Casa Editorial Manacá: ANFOPE, 2023. p. 93-96. Disponível em: <https://www.anfope.org.br/wp-content/uploads/2024/02/Anais-XIV-ANFOPE-RJ-2023.pdf>.